

Diálogos, estranhamentos e resistências: estudo etnográfico sobre a presença da televisão em comunidade quilombola

Wesley Pereira Grijó¹

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a recepção da televisão no quilombo Itamatatua, localizado no estado do Maranhão. Os trabalhos de campo foram feitos a partir do método etnográfico e a coleta dos dados ocorreu através de técnicas como: registro fotográfico, observação participante, entrevistas semi-estruturadas e discussão em grupo. Observou-se que as dinâmicas internas estabelecidas na comunidade interagem na recepção da TV, influenciando as diferenças de apropriações e de interpretações dos conteúdos da televisão e nas mediações estabelecidas nesse processo.

Palavras-chave: Recepção midiática. Etnografia. Identidade étnica. Televisão. Quilombo.

Abstract

The objective of this paper is to discuss the reception of television in quilombo Itamatatua, located in the state of Maranhão. The field work was done from the ethnographic method and data collection occurred through techniques as: photographic record, participant observation, semi-structured interviews and group discussion. It was observed that the internal dynamics of the community interacting established at reception of TV influencing differences allocations and interpretations of the contents of the television and mediations this process.

Keywords: Media reception. Ethnography. Ethnic identity. Television. Quilombo.

Considerações iniciais

Localizado no município maranhense de Alcântara, o quilombo Itamatatua em pouco mais de uma década saiu de um cenário em que a tradição oral era o principal meio de transmissão de conhecimentos entre as pessoas para se tornar receptor dos meios de comunicação eletrônicos, principalmente a televisão. A comunidade negra está inserida na categoria de “terras de pretos” e “terras de santo”, segundo categorização de Almeida (1989). Isso se deve porque, diferentemente de

¹ Doutorando do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Comunicação, Cultura e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Membro do Grupo de Pesquisa no CNPq “Comunicação e práticas culturais”; Pesquisador-membro do Observatório Ibero-Americano de Teleficação (Obitel); Bolsista Capes.

outros quilombos, Itamatatiua não foi uma coletividade surgida exclusivamente pelos chamados "escravos fujões". A localidade está na categoria de "terra de pretos", pois pertencia a uma ordem religiosa, cujos membros tiveram que abandonar as terras, ficando todo um latifúndio sob o controle dos negros. Além disso, as terras têm como padroeira Santa Teresa d'Ávila e, por esta razão, é considerada uma "terra de santo" como outras existentes no Maranhão, onde o número de comunidades quilombolas é de 408, conforme dados da Fundação Palmares².

Historicamente, os negros de Itamatatiua são conhecidos como "Filhos da Santa", sendo esta uma denominação oriunda de uma possível origem dos moradores, contudo não existem documentos históricos para comprová-la. Segundo os mais velhos da comunidade, na época da presença da Ordem Carmelita, uma senhora abastada de Alcântara doou à imagem santa um casal de escravos, cujos descendentes passaram a se considerar, desde então, filhos da entidade religiosa. As pessoas do local acreditam que todos os moradores de Itamatatiua são descendentes do casal de negros. Por esta razão, todos aqueles que nascem na comunidade até hoje recebem o sobrenome "De Jesus", como forma de legitimar o parentesco com a santa. Atualmente, aproximadamente 300 (trezentas) famílias vivem nas terras de Itamatatiua, cuja principal fonte de renda advém, na maioria dos casos, da cerâmica produzida pela Associação de Produtora de Cerâmica, sendo um produto cultural exportado para diversas partes do país e do mundo.

Segundo nossas observações durante as pesquisas de campo, Itamatatiua está vivendo uma fase de transição. Antes, a comunicação na comunidade era feita de forma totalmente interpessoal: conhecimentos e tradições eram transmitidos através da tradição oral, como contos, histórias, anedotas, lendas etc.; agora, podemos dizer que a localidade se inseriu no mundo globalizado da lógica capitalista, onde as relações pessoais são mediadas também pelos *mass media*. Com a introdução da energia elétrica em Itamatatiua, a partir do Programa Federal Luz Para Todos³, os moradores puderam adquirir televisores para seus lares, o que se propagou rapidamente pela comunidade. Hoje, podemos verificar que quase todas as casas possuem televisores e, em menor quantidade, aparelhos de rádio. Esse é o atual contexto comunicacional em Itamatatiua, ou seja, aquelas pessoas estão inseridas no

² <<http://www.palmares.gov.br/quilombola/?estado=MA>>. Acesso: 08/10/2012.

³ Programa do Governo Federal lançado em novembro de 2003 que visa levar energia elétrica para a população do meio rural. <<http://luzparatodos.mme.gov.br/luzparatodos/asp/default.asp?id=1>>. Acesso: 08/10/2012.

contexto das *mediações comunicativas da cultura*, conforme aponta Jesus Martín-Barbero (2003).

Aportes teórico-metodológicos da pesquisa empírica

Esta pesquisa de recepção midiática numa comunidade tradicional converge com uma tendência das ciências sociais de buscar, cada vez mais, suprir seus interesses em relação aos assuntos sobre grupos sociais marginalizados ou subalternizados, a partir da perspectiva de Gramsci (GRUPPI, 1978), o que por muito tempo foi subjugado pelos estudos acadêmicos ou praticamente ignorado pelos estudos hegemônicos em comunicação. Para fazermos a relação entre as questões étnicas e a recepção da mensagem televisiva, tomamos como ponto de referência os estudos de recepção midiática, uma vez que colocam os sujeitos e seus contextos com principais agentes da pesquisa empírica.

Com essa perspectiva em mente, buscamos no modelo de “codificação/decodificação” de Stuart Hall (2003), um dos nossos aportes para se pensar as apropriações dos sujeitos com a mensagem televisiva e se há alguma relação nesse processo decorrente das especificidades do contexto étnico em Itamatatua. A linha de pensamento de referido autor indica que há uma leitura “dominante”, na qual o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; uma leitura “negociada”, em que o sentido da mensagem entra em negociação com as condições particulares dos receptores; e, por fim, uma leitura de “oposição”, que ocorre quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta sob uma estrutura de referência alternativa.

Diante das premissas acima mencionadas e sabendo do contexto étnico-cultural dos sujeitos de Itamatatua, partimos da hipótese teórica, referendada em estudos de recepção midiática, que consideram as mediações responsáveis pelo processo de assimilação, rejeição, negociação, resistência etc., a que estão sujeitas as mensagens televisivas, sendo as identidades apresentadas por este meio de comunicação incluídas nesta ideia de mensagem. Dessa forma, o foco para se refletir sobre a relação dos *media* com a sociedade é deslocado para os receptores, o que na perspectiva de Martín-Barbero (1987) é pensar a comunicação a partir das mediações e não somente dos meios.

Seguindo o pensamento de Martín-Barbero (1987; 2002; 2003), a recepção midiática é um momento do consumo cultural, sendo esta uma categoria que abarca os processos de comunicação e recepção dos bens simbólicos, o que ele veio a definir posteriormente como *mediações comunicativas da cultura* (MARTÍN-BARBERO, 2003). Além da contribuição teórica de Hall e Martín-Barbero, tomamos como referencial teórico-metodológico experiências de pesquisas brasileiras como: *TV, Família e identidade: Porto Alegre no “fim de século”* (JACKS; CAPPARELLI, 2006), *Leitura Social da novela das oito* (LEAL, 1986), *Vivendo com a telenovela* (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002). Esses estudos são trabalhos empíricos relacionando grupos de famílias e o *media* televisão, contudo, não têm como enfoque principal as questões étnicas das comunidades tradicionais.

No que concerne à contribuição das pesquisas antropológicas para se entender o contexto de uma comunidade quilombola, mantemos um diálogo como forma de compreender a atualidade do conceito de identidade étnica, entendido aqui como um processo dinâmico inserido também num contexto de disputa e mobilização política, conforme indicam Barth (1998; 2003), Banton (1971; 1977), Carvalho (2003; 2009) e O’Dwyer (2002). Diretamente, alinhamos noção de identidade étnica à ideia de etnicidade defendida por Banton (1977), que diz respeito a uma qualidade compartilhada, com a particularidade dos membros terem consciência de pertencer a um grupo.

A partir do diálogo com as experiências teóricas supracitadas, pudemos iniciar os trabalhos de campo em Itamatatua que compreendeu oito famílias, sendo que cada uma delas possuía entre seus membros, no mínimo, quatro pessoas, somando ao todo 32 sujeitos diretamente observados. Todos foram entrevistados⁴ de forma individual e em grupo (nas casas, na igreja, na associação de produtoras de cerâmica, etc.), sendo que demos prioridade ao ambiente familiar, principalmente no momento em que as famílias assistiam à televisão em horários diversos, sendo que na maioria dos casos, esse período compreendeu o horário noturno da programação televisiva, entre às 18 horas e às 22 horas. De forma cronológica, a última fase da pesquisa de campo sobre a recepção da televisão em Itamatatua se iniciou na primeira quinzena do mês de dezembro de 2009 e se estendeu até a segunda quinzena do mês de janeiro de 2010. Entretanto, o início das observações na

⁴ Os entrevistados foram mantidos no anonimato, sendo identificados apenas pelo número atribuído à família e à faixa etária. A medida serve também para adequar a pesquisa às novas deliberações dos comitês de ética das universidades federais brasileiras.

comunidade ocorreu em 2007, durante pesquisa vinculada à Universidade Federal do Maranhão, financiada pela Fapema.

A partir do método etnográfico, sob o prisma das experiências de Guber (2001) e Cáceres (1998), a coleta dos dados ocorreu através dos trabalhos de campo realizados com o auxílio dos moradores do quilombo, focando nosso estudo nas mediações cotidianas e suas relações com a televisão. A pesquisa de campo foi feita a partir de visitas regulares à comunidade combinando técnicas como: registro fotográfico, observação participante, entrevistas semi-estruturadas e discussão em grupo com os sujeitos, conforme as contribuições de Delgado e Gutiérrez (1995), Flick (2009), Guber (2004) e Sierra (1998).

Por fim, as entrevistas semi-estruturadas foram tabuladas como forma de se configurar um “mapa” para melhor visualização de todas as características que os dados obtidos poderiam fornecer, conforme pudemos observar em trabalho similar sobre a recepção da televisão e identidade cultural (JACKS, 1999). Assim, as respostas obtidas foram analisadas visando a detectar os elementos básicos de identificação dos receptores com seu cotidiano, sua identidade étnica e as possíveis relações acionadas ao assistirem à televisão no ambiente familiar. Após todas essas etapas, pudemos tecer nossas considerações sobre aquele contexto.

A presença televisão em Itamatatua

Em Itamatatua, a televisão se constitui como a principal mediação midiática que as pessoas da comunidade têm com o que acontece externamente ao quilombo. Assim, consideramos que a relação dos moradores dessa comunidade negra com a televisão segue o pensamento que afirma ser este meio de comunicação a principal mediação cultural da contemporaneidade (MARTIN-BARBERO, 2002), principalmente em locais singulares como aquele quilombo, onde o universo cibernético ocasionado pela *Internet* ainda não está intensamente presente. Para aquelas pessoas que vivem um contexto distinto de praticamente tudo o que assistem pela televisão, o cotidiano toma outros sentidos a partir do momento que mantêm contato com outras realidades quando ligam o aparelho de TV.

Em Itamatatua, os laços familiares ainda são muito fortes, sendo a família um fator importante nas mediações da recepção televisiva. Assim, numa localidade com poucas opções de diversão, a televisão torna-se a principal forma de lazer das

famílias. O fato de ser consumida, sobretudo, dentro das residências foi fundamental para consolidar a relação que o quilombo mantém com esse meio de comunicação, conforme podemos observar na Foto 1.



FOTO 1: Família de Itamatatiua assistindo à telenovela.

No que diz respeito à geografia interna das casas, a televisão ocupa um espaço nobre na sala, sendo na maioria dos lares o principal objeto doméstico. Em praticamente todas as residências, o aparelho de televisão está situado de forma a ser a primeira coisa observada ao entrar numa moradia de Itamatatiua. Temos que enfatizar ainda que o móvel onde fica a televisão se configura como resumo de todas as formas de representação da comunidade: além do aparelho de televisão, geralmente há um aparelho de rádio, de DVD, bonecas – majoritariamente brancas - vestidas com roupas de luxo, imagens de santos (santa Teresa d’Ávila, São Benedito ou Santa Maria), cerâmicas feitas na comunidade, ornamentos, flores, etc. como podemos verificar na Foto 2. No geral, tudo fica muito análogo a um altar e, nesse ponto, temos que levar em consideração a grande religiosidade católica do quilombo.



FOTO 2: Televisão em sala na casa de família no quilombo Itamatatiua.

Nossos trabalhos de campo com os moradores mostraram que para aquelas pessoas, com a presença da televisão, não é preciso sair de casa para estar em contato com outros modos de vida, com outras realidades e mundos. Contudo, toda essa mensagem televisiva é reinterpretada a partir do que Martín-Barbero (2003) conceitua como *competência cultural*, ou seja, em Itamatatiua, as pessoas reconhecem os múltiplos textos produzidos pela televisão, ativando suas competências culturais para interpretá-los.

No que tange às narrativas da televisão, não podemos deixar de frisar que este *media*, por sua própria natureza, dá destaque para a imagem: mais do que o mundo das coisas contadas, como ocorre com o rádio, na televisão é primordialmente enfatizado o que pode ser visto. Contudo, apesar dessa prevalência da imagem, a televisão coloca em cena particularidades do diálogo e da comunicação oral. Num paralelo ao contexto de narrativas orais em Itamatatiua e o discurso da televisão, podemos buscar outra vez no pensamento de Martín-Barbero (2003) uma reflexão sobre isso, para quem o discurso televisivo leva à representação de rituais de ação e a codificação da experiência, impondo um universo regulado pela bipolaridade entre vilões e heróis, com a gramática fragmentada do meio.

Estranhamentos, resistências e diálogos com a mensagem televisiva

Conforme já afirmamos anteriormente, com a chegada da energia elétrica na década de 2000, através do Programa Luz Para Todos, a televisão passou a fazer parte do cotidiano das famílias de Itamatatua. Naquele cenário, novas formas de lazer e conhecimento foram introduzidas no quilombo. Se antes as pessoas eram mais ligadas à tradição oral transmitida, principalmente pelos anciões, com a televisão, o conhecimento, os modos de ver o mundo etc., foram acrescentados com o que eles têm contato ao assistir à televisão.

Segundo podemos observar ao acompanharmos grupos familiares no momento em que assistiam aos programas de TV, a identidade étnica de Itamatatua funciona como forte mediação através das quais as pessoas, como telespectadoras, interagem com a mensagem da televisão. Assim, verificamos que mesmo com a forte presença na vida das pessoas das imagens que a TV propicia, as famílias preservam a relação com a tradição oral, como fizeram outrora; entretanto, com menos força, pois agora divide espaço com a narrativa imagética televisiva.

Ao mantermos contato com o cotidiano das famílias, durante a recepção da TV, baseado nas *mediações comunicativas da cultura* (MARTÍN-BARBERO, 2003), verificamos que, naquele contexto de identidade étnica, as mediações mais latentes para a recepção da mensagem televisiva são: o espaço doméstico (família) e os laços comunitários (quilombola). Entretanto, dentre essas mediações é a família que possui mais poder de controle de questões como consumo, comportamentos dos filhos, etc.

Assim, para os grupos familiares estudados, a televisão ocupa primordialmente o espaço do lazer. Todos em algum momento do dia assistem à televisão, sendo atualmente a principal fonte de conhecimento da maioria das pessoas. O contato com outras formas de informação como jornais e revistas é em menor volume, ocorrendo somente quando viajam para a sede do município ou para a capital do Estado e retornam com exemplares de periódicos regionais. O ato de ver televisão é um evento marcante, no qual boa parte da família e amigos se reúne para escutar e ver os programas. Nessa ritualidade há o sentido de comunhão: a televisão é também uma unificadora e integradora dos espaços sociais ocupados e vividos pelos telespectadores. Na fala dos entrevistados é comum a opinião de que a partir do momento que as famílias do quilombo começaram a ter televisão seus membros passaram a ficar mais tempo dentro de casa. Para os grupos familiares observados,

esse “isolamento” entre as pessoas não é visto como algo prejudicial à sociabilidade do quilombo.

Nessa comunidade, a chegada da televisão é considerada como um dos acontecimentos mais marcantes ocorridos nos últimos anos. As pessoas, inclusive, lembram detalhadamente o momento em que as casas passaram a ter o aparelho de TV, ou mesmo a primeira vez em que tiveram contato com a televisão; em alguns casos, esse fato não ocorreu em Itamatatuiá, mas na sede do município, em Alcântara, ou na capital do Estado, São Luís.

Durante as entrevistas com as famílias, descobrimos ainda que algumas delas tiveram televisão antes mesmo de haver energia elétrica na comunidade, sendo que o aparelho de TV era ligado à uma bateria de carro, entretanto não havia qualidade de transmissão e continuidade, visto que precisam constantemente recarregar a bateria na sede do município. Pelos menos duas famílias tinham televisores movidos por meio desse tipo de carga.

Conforme podemos constatar nas entrevistas, os idosos foram os que mais puderam presenciar a introdução da televisão no quilombo. Para esse grupo, a relação ou mesmo competição entre tradição oral e cultura da imagem foi mais marcante, visto que foram criados quase sem nenhum contato com o mundo imagético oriundo da TV. Apesar dessas pessoas manterem contato com a tradição oral ao longo de suas vidas, elas tiveram ou ainda têm dificuldade de interagir com a mensagem televisiva, principalmente no que diz respeito ao entendimento da gramática das narrativas das telenovelas. Os idosos também apontam a televisão como responsável por mudar, em alguns aspectos, o cotidiano do quilombo.

Quando passei a ter televisão em casa, eu tinha mais de 50 anos. Minha filha que mora em São Luís que me deu. Depois que veio a energia. Isso tá com uns 8 anos. [...] Olha, eu fiz uma operação em São Luís e fui pra casa de minha filha. Lá tinha TV e eu ficava assistindo e não entendia nada. Ficava vendo aquelas imagens tão bonitas. Um povo bonito também! Aí eu perguntei pra minha filha por que as coisas eram tão rápidas: a mulher noiva, no outro dia tá gestante e no outro já teve filho. Ela me disse que era tudo mentira, que era só novela. Aí eu não quis mais saber disso. Depois, quando já tinha televisão aqui, apareceu o Ratinho⁵. Eu achava muito bom. Teve um dia que fiquei até às 11 da noite só vendo televisão. No outro dia, amanheci lerda e com sono e não quis mais saber de ficar vendo muito televisão. É só mentira, né? [sic] (Idosa, 66 anos, família 7)

⁵ Alcinha do apresentador Carlos Massa, do *Programa do Ratinho*, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Ainda nesse ponto, a introdução da televisão no quilombo é relatada pelos adultos como ligada a fatos da história da família. As pessoas dessa faixa etária apontam em suas falas que a presença da TV modificou as relações de sociabilidade entre os membros do quilombo, pois as pessoas passaram a ficar mais tempo dentro de casa assistindo à televisão e deixaram de ficar na frente de suas residências, com os vizinhos e com outros parentes. Apesar desse aparente isolamento das famílias, há entre os entrevistados quem aponte que a TV foi responsável por deixar as pessoas mais desinibidas e por ter estendido os horários que os moradores da comunidade vão dormir à noite.

A primeira luz do povoado foi aqui que o prefeito João Leitão acendeu. Faz uns dez ou onze anos... era quando minha filha mais velha era menininha. Foi nessa época que tive TV. [...] Achei tudo bonito, porque em casa a gente sabe o que passa nos outros estados, nos outros lugares. A gente fica bem informada. [...] Antes a gente lutava pra ter uma televisão e não podia, porque não tinha energia. A primeira TV aqui foi na casa de minha sogra. Antes, era tanto encontro pelas portas... falando da vida dos outros. Agora, as coisas acontecem debaixo do nariz da gente e não sei. Desde as crianças param mais em casa [sic]. (Adulta, 31 anos, família 1)

Conforme já foi apontado nas falas dos moradores de Itamatatua, a televisão trouxe mudanças no cotidiano do quilombo. Essas alterações seriam de várias ordens, e não necessariamente são vistas como negativas para as relações sociais na comunidade. Os idosos apontam grandes alterações no dia-a-dia de Itamatatua, sendo que, para este grupo, essas mudanças possuem relação negativa. Entre as coisas ruins atribuídas à presença da TV está o aumento da violência, ao fato das crianças terem contato ainda cedo com cenas inadequadas para suas idades, ao isolamento das famílias que não possuem mais o hábito de sentar na porta das casas para conversar e, por fim, ao fato da programação televisiva controlar os horários do quilombo. Segundo eles, as pessoas organizam seus compromissos de acordo com seus programas preferidos. De positivo, os idosos colocam que a TV desenvolveu mais o quilombo, pois trouxe informações e novos conhecimentos para as pessoas.

Antes desse povo ter televisão, tinha muita diferença. Nesses tempos não tinha esses assaltos, essa violência. [...] Eu acho bonito é quando eles tão falando e a gente fica olhando. A gente não conhece eles, mas fica olhando. [...] Agora com a televisão, desenvolveu mais. A gente passou a conhecer as coisas. Antes de ter televisão, os mais novos viam as coisas e até corriam de medo, era medrosos. Mas agora...vão é pra cima! [...] Antes eles brincavam mais. A gente se sentava na porta de casa pra conversar, agora é cada um na sua casa. Ninguém mais sai. Mas por outra parte é bom porque criança não sai mais

de casa. Mas é ruim também porque aprende coisa ruim [sic]. (Idosa, 61 anos, família 2)

Nas entrevistas com os adultos, a maioria deles aponta que a televisão fez com que os jovens não procurassem mais saber das histórias do quilombo, pois dão mais importância ao que assistem pela TV. Assim, os adultos colocam que esse *media* modificou o comportamento dos jovens com comportamentos “bons” e “ruins”. Para eles, um exemplo “bom” é o fato das crianças passarem menos tempo na rua; e de “ruim”, as cenas inadequadas e de violência. Ainda segundo os adultos, a rotina da comunidade se modificou, pois agora as pessoas não vão mais para as frentes de suas casas conversar, contar histórias, mas sim, ficam em frente à televisão. Entretanto, entre eles há quem julgue que não houve quase nenhuma mudança, pois ainda existem pessoas que vão para suas portas interagir, contudo não conversam mais exclusivamente sobre as histórias locais, pois agora entram na pauta das conversas os assuntos oriundos da televisão. Apesar de ser vista como algo que traz coisas ruins, a TV também é apontada como renovadora da própria cultura local, pois as ceramistas se inspiram em peças que observam em programas femininos e depois “copiam” no centro de produção.

Com a TV a gente fica fechado. Tem gente que diz que não sai de casa porque senão vai perder o que passa. O povo não sai mais porque tá é vendo TV. [...] De bom, a TV traz as novidades. As ceramistas pegam dicas na Ana Maria Braga⁶, de outros programas, do Edu Guedes⁷. De ruim, é porque as pessoas ficam preocupadas, porque diz que as coisas que acontece é por causa da TV, mas acho que não é. Não vejo que faz mal. “Boi roceiro não bota outro a perder”. Mas é preocupante porque criança fica comentando coisa que não pode na escola. Eu falo lá que não pode ver isso. Tem gente que diz que assalto aumentou aqui. Pra mim, TV é assim: tem coisa que se pode seguir, outras não. Quem não tem TV, bota logo na cabeça que tem que ter, senão fica até doido [sic]! (Adulta, 50 anos, família 7)

Para os moradores de um quilombo rural como Itamatatiua, a TV funciona também como instrumento para se conhecer o que ocorre fora dos limites da comunidade, principalmente, nas localidades mais distantes. Com isso, eles mantêm contato com certas práticas sociais que ocorrem com pouca frequência no quilombo. Outras experiências, segundo alguns moradores, só passaram a ocorrer após as pessoas terem visto na TV. Um desses exemplos é relatado pelos idosos, que apontam que muitos jovens aprendem práticas ilícitas através da televisão. O medo

⁶ Apresentadora do programa matinal *Mais Você* da TV Globo.

⁷ Apresentador do programa matinal *Hoje em Dia* da TV Record.

dos anciões é que pessoas do quilombo imitem a violência comum em outros locais devido ao que assistem todos os dias pela TV. Ao mesmo tempo, os idosos demonstram grande preocupação com o que acontece em outros locais do país, sendo um dos assuntos corriqueiros nas conversas atuais entre os membros da comunidade de Itamatatiua.

Ver televisão é bom porque acontece coisa longe e a gente sabe aqui. É assalto que se aprende também, assalto, roubo. O povo aí imita o que vê na televisão. Essas coisas são ruim pros mais jovens. Tem coisa que passa na televisão que eles querem imitar. [...] A gente fala muito dos assaltos. Nós tem muito medo disso aqui, desses jovens que fumam, assaltam, dos jovens daqui que querem imitar isso. [sic] (Idosa, 61 anos, família 2)

Já os adultos apontam que costumam incluir entre suas conversas cotidianas fatos tristes como, por exemplo, as mortes, que olham pela televisão. Para eles, esse *media* é um instrumento que lhes propicia obter informações do mundo inteiro, mesmo morando numa comunidade afastada dos grandes centros urbanos. Inclusive, há entre os adultos quem troque as informações obtidas através da televisão entre si: se antes, a maioria dos quilombolas se reunia para contar somente os fatos e histórias de Itamatatiua, agora nas rodas de conversa são incluídos os assuntos pautados pela mensagem televisiva, como acontecimentos jornalísticos e narrativas das telenovelas. Entre o grupo há, aliás, quem considere que apesar da TV mostrar muitos casos de violência, ela não tem o poder de influenciar os indivíduos a cometerem crime somente por que assistem pela televisão.

De bom, a televisão traz as notícias, porque se não tivesse a gente não sabia. É assim aqui: cada uma vê um canal e depois conta pro outro, troca informação do que viu. De ruim, foi porque cresceu muito o negócio de droga. Criança aprende também muita coisa que não deve. Mas, olha, TV não manda em ninguém, faz porque quer. [sic] (Adulta, 43 anos, família 6)

A interação que os moradores de Itamatatiua mantêm com os programas a que assistem frequentemente ou os que mais lhe chamam atenção revela muito a relação do contexto local com a recepção do conteúdo da televisão. Isso por que, podemos observar que muitos programas são consumidos a partir da relação que eles por ventura mantêm com o contexto cultural local. Entre os idosos, há a preferência por telenovelas que relembram o passado dos antepassados. Assim, para algumas pessoas desse grupo, ficaram mais marcantes as telenovelas que retratavam o Brasil no período escravocrata. Ao mesmo tempo, verificamos que a relação dos idosos

com os telejornais está ligada ao costume antigo de contar “causos”, pois para elas as notícias são essas formas de narrativa, contudo, relatadas pela televisão. Os membros dessa faixa etária têm ainda certa dificuldade de entendimento da mensagem televisiva, o que para alguns deles se torna incompreensível.

Gosto mais do jornal por que se sabe de notícia, dos causos que dá. Jornal é bom por isso. Eles dizem notícia do interior de São Paulo, passa casa que chuva esbandalhou. Passa no jornal e a gente olha. Tudo passa aí. [...] Gosto muito da Xuxa⁸ e da Preta⁹, mas ela não é preta, é mais “limpa” do que eu. O cabelo é crespo, bate assim ni'mim, grandão. [...] Gosto de novela, vejo tudo que passa, gosto de escutar. É divertimento. Às vezes tá aí sozinha e vê e se diverte. Tem naquela novela de 5 pras 6¹⁰, uma que a mulher tem uns filhos, uma mulher boa, trabalhadeira, acho bonito o jeito. É uma mulher limpa, do cabelo “fogolhosado”. Cada dia da novela ela tá de um jeito. Tem dia que tá de cabelo cortado, de cabelo cumprido...[sic] (Idosa, 74 anos, família 4)

Assim como os idosos, há adultos que consideram como mais importante na programação televisiva as informações jornalísticas, pois podem ter ciência de acontecimentos fora do quilombo. Eles avaliam ainda que as telenovelas são meios para se obter conhecimento para a vida, pois retratam ensinamentos para seus cotidianos. Nesse ponto, é importante frisar que eles identificam nas narrativas das telenovelas elementos que lembram suas próprias histórias. Dessa forma, verificamos que os receptores de Itamatatua não seguem mecanicamente as informações que lhe são passadas pela televisão, buscando na experiência cotidiana as bases para interagir com a mensagem televisiva. Outra questão latente é a ligação que eles mantêm com seus atores preferidos, o que gera confusão para separar o que seria ficção e realidade.

Eu gosto mais do Jornal Nacional¹¹. Ele dá notícia do mundo, passa muita notícia pra gente. Eu gosto de saber o que passa fora daqui da comunidade. [...] Gosto também da novela Viver a Vida¹². Ela ensina muita coisa pra gente. Tem o caso da menina que teve o acidente e ela quer desistir. Mas ela tem que seguir em frente e viver a vida. Isso ensina a gente, porque não é qualquer problema que vai fazer a gente desistir. [sic] (Adulta, 20 anos, família 3)

⁸ Alcinha da apresentadora Maria da Graça Meneghel, da TV Globo.

⁹ Personagem da atriz afrodescendente Taís Araújo na telenovela *Da Cor do Pecado* (2004), da TV Globo.

¹⁰ Referência à telenovela *Cama de Gato*, da TV Globo, exibida no horário das 18 horas, a partir do segundo semestre de 2009. A referência diz respeito à protagonista da novela, denominada de Rose, interpretada pela atriz afrodescendente Camila Pitanga.

¹¹ Principal telejornal da TV Globo.

¹² Telenovela da TV Globo exibida em 2009 com a primeira atriz afrodescendente protagonista de uma produção das 21 horas.

Durante as entrevistas, observamos certo receio das pessoas em expressar o que realmente consideram como padrão de beleza ou mesmo o que mais lhes chama atenção em algumas pessoas que aparecem na TV. Isso ficou evidente nos vazios prolongados durante as entrevistas, nas interrupções, no sorriso tímido ao serem questionadas, além do medo de estarem falando algo “errado”. Uma explicação para isso pode ser pela forte presença, que ocorreu nos últimos meses, de entidades do Movimento Negro que realizaram palestras e exposições no quilombo para esclarecer ou “conscientizar” aquelas pessoas sobre sua identidade de quilombola.

A partir de todos os dados revelados acima, obtidos nos trabalhos de campo em Itamatatua, por meio dos procedimentos metodológicos já mencionados, obtivemos os resultados necessários para lançarmos nossas considerações finais sobre a relação entre a identidade étnica de Itamatatua e a recepção da televisão pelas famílias daquele quilombo.

Considerações Finais

Este artigo se focou em verificar como a comunicação e a cultura interagem em Itamatatua, para isso, analisamos a recepção da televisão a partir do contato com oito famílias da comunidade. A base de toda a pesquisa foi pensar a comunicação como mediada pela cultura num contexto de identidade étnica. Assim, pudemos averiguar que a identidade étnica quilombo serve com principal mediação do processo de recepção da mensagem televisiva. Ou seja, nossos resultados revelaram que essa identidade de Itamatatua, consubstanciada em sua competência cultural, é a principal mediação presente no quilombo, sendo responsável pela assimilação, rejeição, negociação, resistência do conteúdo da TV, conforme o modelo de Hall (2003).

Após a conclusão dos trabalhos de campo, refletimos com maior eficácia sobre as relações entre identidade étnica, recepção da televisão, focando na mensagem televisiva. Com isso, podemos apontar a identidade étnica como categoria-chave de pertencimento, e também, situa as balizas da discussão o conteúdo da televisão. A pesquisa revelou que a identidade étnica de Itamatatua opera mediações significativas na recepção da TV, funcionando como sistemas de referência, a partir dos quais a mensagem televisiva é consumida, assimilada e interpretada. Dessa forma, o conteúdo desse *media* é interpretado pela audiência

conforme sua competência cultural, sedimentada ao longo das gerações, sendo neste momento reconfigurada a partir do contato com outras culturas e novos conhecimentos. Ajuda também a entender as teias de significados da recepção midiática, reforçando esse sentimento de pertencimento.

Ponderamos que o contexto onde ocorrem as apropriações dos receptores de nossa pesquisa, ou seja, onde se dá o significado televisivo atribuído por eles, é definido pela identidade étnica e pela competência cultural. Nesse sentido, o contexto cultural é um fator importante no processo de recepção. Em se tratando dos grupos familiares pesquisados, as dinâmicas internas estabelecidas interagem na recepção da TV, influenciando as diferenças de apropriações e de interpretações dos conteúdos da televisão e nas mediações estabelecidas nesse processo.

Se antes a identidade étnica se relacionava intrinsecamente com o contexto da tradição oral, agora estão mediadas pela mensagem televisiva. Dessa forma, verificamos que as *mediações comunicativas da cultura* daquele grupo com a televisão estão intrinsecamente relacionadas à constituição da identidade étnica dos moradores da comunidade. O que veio a se somar e também a se contrapor ao processo de construção da identidade local ocorrido ao longo dos anos, transmitido pelo antigo contexto comunicacional.

Não podemos deixar de frisar ainda que realidades, cotidianos, modos de vida e interação com o mundo expostos pela televisão são de um *status quo* hegemônico, o que ocasiona a produção de sentidos sem levar em consideração as classes subalternas ou grupos socialmente marginalizados, como é o caso do quilombo estudado. Nessa linha de raciocínio, devemos considerar ainda que a televisão e suas narrativas remetem às transformações tecnológicas e perceptivas que possibilitam ao quilombo Itamatatua se apropriar da modernidade sem deixar sua cultura oral.

A partir da análise dos resultados da pesquisa com as famílias de Itamatatua, observamos que o espaço doméstico, a religiosidade, os laços comunitários, a faixa etária são também importantes mediações (juntamente com a identidade étnica) para a interação com o conteúdo da televisão.

Por fim, sobre o processo de recepção midiática, nossa experiência em Itamatatua evidenciou que não devemos concebê-lo restringido ao momento de assistir aos programas da grande de programação televisiva: começa bem antes e prossegue bem depois desse contato. Nesse ponto, concebemos os moradores do quilombo como produtores de sentido, que negociam, reinterpretem e reelaboram as

mensagens da televisão. Contudo, essa mediação é realizada segundo características como idade, sexo, personalidade, caráter, valores e, principalmente, seu cotidiano assim como a grande influência da família, da escola, da religião, que juntamente com outros fatores formam sua identidade étnica.

Referências

- ALMEIDA, A. W. B. Terras de Preto, Terras de Santo e Terras de Índio: Uso Comum e Conflito. *Revista do NAEA*. Vol. 10. UFPA, 1989.
- BANTON, M. Aspectos Sociales de la Cuestión Racial. In: *Cuatro declaraciones sobre la cuestión racial*. UNESCO, Paris, 1971.
- _____. Etnogênese. In: *A Idéia de Raça*. São Paulo. Edições 70/ Martins Fontes, 1977.
- BARTH, F. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTUGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. (Org). *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- BARTH, F. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: VERMEULEN, H; GOVERS, C. (org). *Antropologia da etnicidade*. Para além de Ethnic Groups and Boundaries. Fim de século, Edições. Lisboa, 2003.
- CÁCERES, J. G. Etnografía: El oficio de la mirada y el sentido. In: *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México. CNCA/ Adilson Wesley Longman, 1998.
- CARVALHO, A. P. C. *O espaço da diferença no Brasil: etnografia de políticas públicas de reconhecimento territorial e cultural negro no sul do país*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (tese de doutorado). Porto Alegre, 2009.
- _____. *"Planeta" dos negros no Mundo dos brancos: Estudo sobre a manutenção e atualização das fronteiras étnicas de uma comunidade negra na cidade de Canoas/RS*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (dissertação de mestrado). Porto Alegre, 2003.
- DELGADO, J. M.; GUTIÉRREZ, J. Teoría de la observación. In: *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madrid. Editorial Síntesis, 1995.
- FLICK, U. Observação, etnografia e métodos para dados visuais. In: *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto alegre. Artmed, 2009.
- GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. A Etnografia como uma lógica de investigação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 42, p. 13-79, dez. 2005.
- GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- GUBER, R. El investigador en el campo. In: *La etnografía: Método, campo y reflexividad*. Buenos Aires. Editorial Norma, 2001.
- _____. La entrevista antropológica: introducción a la no directividad. In: *El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*: 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- JACKS, N. *Querência: cultural regional como mediação simbólica – um estudo de recepção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- JACKS, N; CAPPARELLI, S. *TV, Família e Identidade*: Porto Alegre "Fim de Século". Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- LEAL, O. F. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis, Vozes, 1986.

LOPES, M. I. V. de; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. R. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

MARTIN-BARBEIRO, J. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonía*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. *Oficio de Cartógrafo: Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. México/Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.

O'DWYER, E. C. (org). *Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade*. Rio de Janeiro, ABA – FGV, 2002.

SIERRA, F. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. In: CÁCERES, J. G. *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México. CNCA/ Adilson Wesley Longman, 1998.

SILVERSTONE, R. *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu. 1996.